

## 6. Conclusão

A história dos irmãos Caim e Abel, narrada em Gn 4,1–16, constitui, em sua forma final, uma pequena e preciosa obra de arte israelita, pequena pela concisão com que é apresentada, preciosa pela profundidade de seu conteúdo. Reflete aspectos do ser humano de todos os tempos, em suas relações sociais, consigo mesmo e com Deus.

A análise do texto de Gn 4,1–16, realizada na presente pesquisa, permite importantes reflexões a respeito das raízes e consequências da violência. Acompanhando o protagonista da narrativa, Caim, vê-se que este se trata de um personagem paradigmático que revela aspectos do pensamento israelita acerca das forças que atuam no interior do ser humano levando-o a atos violentos.

Fundamentalmente, trata-se de um texto que expressa uma apurada compreensão da moralidade, no qual, visivelmente, não há espaço para nenhum tipo de exaltação da violência, antes, a rejeita de modo claro, denunciando os mecanismos que a movem e as consequências que carrega consigo. Sobretudo, expressa a noção de que a violência brota das emoções turvas (v.5) e é concretizada como fruto do poder de um mal não controlado pelo ser humano (v.7).

A posição ocupada inicialmente por Caim, o primogênito, preferido pela mãe que o associa no nascimento a Yhwh (v.1), confere a este personagem uma relação ilusória com a realidade que o cerca, uma ilusão de exclusividade, que não permite perceber nada além de si mesmo. Caim parece cego para a existência do irmão, Abel, e de tudo o que não tem ele próprio por fundamento (v.7a–b). Inicialmente tudo parece estar bem, mas os olhos de Caim se abrem para algo distinto de si quando Yhwh, de forma pedagógica, demonstra preferir Abel em detrimento a ele (v.4b–5a). A “inversão de posição” dos irmãos, provocada por Yhwh, faz Caim perceber o irmão e, através dele, a verdade de uma realidade múltipla, marcada pela existência do “outro”. Essa percepção provoca uma profunda crise em Caim.

Na escolha por Abel, Yhwh oferece a Caim, a possibilidade de alcançar a maturidade, que consistiria em acolher a existência, a vida, o lugar e a função do irmão, saber conviver com as diferenças numa relação saudável e verdadeira com

a realidade. No entanto, quando “ao outro”, Abel, é dada a posição preferencial, então se revela em Caim sua incapacidade de convivência. A existência do irmão torna-se um obstáculo incomodo para sua visão totalitarista.

Caim sente-se injustiçado por ter sido preterido por Yhwh, seu interior se enche de uma amálgama de sentimentos que o turvam e o deixam frustrado, de “face caída” (v.5). No entanto, Caim não é um injustiçado como se poderia supor, antes, ele “se sente injustiçado” porque já não ocupa a “posição principal”, uma concepção errônea de justiça de quem vê somente a partir de si mesmo e em favor próprio.

Caim não fora rejeitado por Yhwh. A prova disso é que Yhwh imediatamente se aproxima e entra em um paternal diálogo com ele (v.6-7). Ao abrir os olhos de Caim para existência do irmão (e de uma realidade distinta de si), Yhwh não o deixa a mercê do turbilhão das emoções, antes, o ilumina e orienta. Yhwh mostra a Caim que havia também uma distinção entre ele, Caim, e seus impulsos imoderados. No “pecado” como força de transgressão, e na possibilidade de domínio sobre esta força (v.7), Yhwh faz ver que no interior de Caim também há realidades distintas.

O texto deixa claro que o ser humano não está indefeso contra essa força que o impulsiona a não aceitar limites, é preciso, no entanto, não se deixar “fundir” com esse impulso mas reconhecer a ameaça e buscar resistir a ela (v.7). Porém, parece também mostrar que desde os primórdios o ser humano é propenso a “não ouvir Deus”, permitindo-se ser guiado a agir por seus próprios impulsos. Yhwh alertou Caim dos perigos que envolviam seu modo de agir, mas Caim não ouviu, não quis ouvir.

Sucumbindo ao impulso imoderado Caim levanta-se contra o irmão assassinando-o (v.8), possivelmente na tentativa de eliminar as distinções. Ainda mergulhado na ilusão de uma realidade centrada em si mesmo pensava, talvez, poder retomá-la, eliminando “o obstáculo” a seu desejo totalizante, seu irmão. A violência é, desse modo, uma negação da realidade e um ataque a multiplicidade, por não saber como relacionar-se de forma sadia com a realidade em que se vê envolvido.

Interessante perceber ainda no texto que a violência não vem só, no respaldo do ato violento é encontrado a mentira, a prepotência, a rejeição de responsabilidade para com o outro, a autocomiseração, o protesto contra Deus

(v.10). O texto revela que o outro é “irmão”, participe distinto de uma realidade comum que deve expressar-se como solidariedade e respeito. O violento não é capaz de dar esse passo à maturidade, é incapaz de acolher algo dele distinto. Por isso, a violência é expressão também de uma rejeição de Deus, o “Outro” por excelência.

O relato também é claro ao mostrar que o agir humano não toca somente a humanidade, mas também a Deus, criador da vida e seu primeiro e legítimo defensor (v.1.9.10). Assim, a violência não é isenta de consequências e tampouco detém a última palavra, pois torna o homem digno de punição sendo chamado a prestar conta de seus atos (v.10–12) diante do divino Legislador. O texto ensina que o ato violento acaba por voltar-se contra o próprio agressor. A vida do violento é uma vida sob a “maldição”, que aliena cada vez mais o ser humano, a tal ponto que o isola de seu espaço vital, tornando-o “cambaleante e vagante sobre a terra” (v.10–12). Enfraquecido em sua essência e desencontrado de seu “*locus*” original, equilíbrio e segurança desaparecem e a vida do homem violento torna-se um vacilante vagar sem rumo definido (v.16).

No entanto, um contra movimento desse fluxo de forças violentas no agir humano é demonstrado no texto de Gn 4,1–16 pelas atitudes de Yhwh. Onde o personagem Caim escolhe a morte, Yhwh se levanta em favor da vida, não só da vítima Abel, mas também da de Caim, vítima de seus próprios impulsos não dominados. Yhwh confere a Caim uma punição, mas também uma marca pela qual sua vida será preservada. Com isso, Yhwh realiza uma justiça perfeita em favor da vida, restaurando o limite violado: o ser humano não tem direito de impor mãos violentas sobre a vida de seu semelhante, mesmo que este seja um assassino. O texto indica que é a Yhwh que cabe a última palavra sobre o ser humano, e essa palavra é uma palavra de vida.

Ainda, um olhar atento sobre o relato de Gn 4,1–16 revela que Yhwh não é um Deus caprichoso, que age a mercê de seus caprichos, mas, um “pai” cuidadoso, que chama o ser humano à maturidade e que não o deixa sem proteção quando este, fazendo mau uso de sua liberdade, sucumbe dominado pelas forças hostis.

Nas palavras e atitudes de Yhwh ao longo do texto vê-se a atitude paterna de quem conhece o coração humano e alerta para os riscos que este contém; busca orientar o ser humano para atingir a maturidade prevenindo-o das forças perigosas

que subjazem em seu ser. Quando o ser humano transgride seus limites, no entanto, Yhwh não deixa a transgressão sem punição, o ser humano é responsável por seus atos e somente mantendo essa responsabilidade é possível preservar sua “humanidade”. Uma punição não é conferida para destruir o ser humano, mas para fazê-lo retomar a consciência e assim “salvá-lo”, não o deixando sucumbido numa “animalidade” (v.8) .

Enfim, o relato de Caim e Abel, presente no texto de Gn 4,1–16, parece ser a expressão da condição do ser humano em contraste com a realidade, o qual, em meio ao desequilíbrio de forças que pulsam dentro de si em sua relação com Deus, com sua natureza terrena e com seu semelhante, sente-se envolvido “pelas ondas” de pretensões e limites sobre as quais é chamado a ter domínio. O texto apresenta a história de um homem que sucumbe à essas forças desmedidas e age de forma violenta contra o irmão, tornando-se um fratricida. É o relato também das consequências geradas por esse “sucumbir”: vagar sem rumo, sem terra, a mercê dos perigos, longe da própria “casa”, expressões simbólicas de um ser humano alienado, “fora de si”.

Por ser um relato das origens, Caim é paradigma de violência para todos os tempos. Pela universalidade do relato, essa história ilumina a humanidade mostrando que todo o homicídio é um fratricídio. O personagem Caim poderia ter obtido um desfecho distinto, à semelhança de outros relatos de conflito fraterno de Gn – 2Rs, mas, neste caso, parece que o autor não lhe permitiu; preferiu apresentar Caim como um paradigma de violência, talvez para que a humanidade, vendo Caim em seu drama, possa refletir e, revendo seus caminhos, possa construir uma história distinta desta.